

CARAMBAIA

MACHADO DE ASSIS

O ESCRIVÃO COIMBRA E OUTROS CONTOS

SELEÇÃO E PREFÁCIO: LUIZ RUFFATO

C	M	S	A
H	M	S	A
A	D	I	S
	O		

PREFÁCIO	9	A CARTOMANTE	127
LUIZ RUFFATO		—	
—		CONTO DE ESCOLA	139
O ESCRIVÃO COIMBRA	35	—	
—		O ENFERMEIRO	151
PAI CONTRA MÃE	49	—	
—		NOITE DE ALMIRANTE	163
UMAS FÉRIAS	65	—	
—		SINGULAR	173
MISSA DO GALO	75	OCORRÊNCIA	
—		—	
O CASO DA VARA	85	O ESPELHO	185
—		—	
UM HOMEM CÉLEBRE	95	TEORIA DO MEDALHÃO	197
—		—	
A CAUSA SECRETA	109	MARIANA	209
—		—	
UM APÓLOGO	123	CONFISSÕES DE	233
		UMA VIÚVA MOÇA	

P



PREFÁCIO



O MEU MACHADO DE ASSIS

LUIZ RUFFATO

MACHADO DE ASSIS, sem sombra de dúvida, é o maior escritor da língua portuguesa e um dos maiores autores da literatura universal. Nascido numa chácara no morro do Livramento — hoje uma comunidade no centro do Rio de Janeiro — no dia 21 de junho de 1839, filho do pintor de paredes e dourador pardo, conforme nomenclatura da época, Francisco José de Assis,¹ e da costureira portuguesa Maria Leopoldina da Câmara Machado,² viveu uma infância pobre, mas

ATENÇÃO: o texto a seguir contém revelações sobre o desfecho de alguns contos.

LUIZ RUFFATO é escritor, autor de *Eles eram muitos cavalos*, *Inferno provisório* e *O verão tardio*, entre outros. Seus livros ganharam prêmios nacionais (Machado de Assis, APCA, Jabuti) e internacionais (Casa de las Américas, em Cuba; Hermann Hesse, na Alemanha), e estão publicados em treze países.

1. Cf. J. Galante de Sousa, “Cronologia de Machado de Assis”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano III, n. 11, set. 1958, p. 145.

2. Sobre a profissão de Maria Leopoldina não há consenso entre os pesquisadores. Raimundo Magalhães Júnior afirma que ela trabalhava com “costuras e bordados, além de outras tarefas ancilares, e sabia ler e escrever”, em *Vida e obra de Machado de Assis* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL-MEC, 1981, vol. 1: Aprendizado, pp. 8-9). Assim também se posiciona Jean-Michel Massa em *A juventude de Machado de Assis (1839-1870): Ensaio de biografia intelectual* (2. ed. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. São Paulo: Editora Unesp, 2009, pp. 57-66). Alfredo Pujol, um dos primeiros a fazer anotações para uma biografia, escreve que ela, “nas horas que podia distrair dos cuidados da família, granjeava alguma ocupação nos serviços domésticos do senhorio, para acrescentar um pouco de ajuda ao escasso mealheiro do casal” (*Machado de Assis:*

sem grandes dificuldades financeiras. Casados, Maria Leopoldina e Francisco José viviam como agregados nas terras de Maria José de Mendonça Barroso Pereira, viúva riquíssima, que se tornou madrinha e protetora de Machado.

Artur de Azevedo lembra, em depoimento publicado na revista *Álbum*, em janeiro de 1893, que os estudos de Machado de Assis foram “muito irregulares”: “Ao deixar a escola de primeiras letras, sabendo apenas ler e escrever, tratou de instruir-se a si mesmo, sem professores nem conselheiros”³. Aos 10 anos, a mãe morre, e aos 15 o encontramos lançando seu primeiro trabalho literário, “Soneto”, saído em outubro de 1854 no *Periódico dos Pobres*. No ano seguinte, Paula Brito empregaria Machado de Assis como aprendiz de tipógrafo em sua oficina, tendo sido ainda responsável por sua introdução no meio intelectual da época. Daí para a frente, Machado de Assis manterá, até a morte, ocorrida em 29 de setembro de 1908, frequente colaboração literária em jornais e revistas, publicando poemas, crônicas, contos, peças de teatro, ensaios e romances em folhetim.

Tendo poucas vezes saído dos limites da cidade do Rio de Janeiro em 69 anos de vida,⁴ Machado de Assis dedicou-se com afinco à carreira

Curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial, 2007, p. 3). Já Lúcia Miguel Pereira segue a tradição e a denomina como lavadeira, em *Machado de Assis: Estudo crítico e biográfico* (5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955, p. 28).

3. Raimundo Magalhães Júnior, *op. cit.*, p. 15.

4. Raimundo Magalhães Júnior, obsessivo em suas pesquisas, anota algumas viagens de Machado de Assis pelo interior do estado do Rio de Janeiro: duas a Petrópolis, em 1868 (segundo carta publicada em *Exposição de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939, pp. 62–63) e em 1880; três a Nova Friburgo, em 1878, 1882 e 1904; e duas, a serviço, como jornalista, a Barra do Pirai, em setembro de 1864, e a Vassouras, em setembro de 1865. Finalmente, a mais longa de todas, a Barbacena (MG), em 1890, importante para a composição de *Quincas Borba*, protagonista do romance homônimo, publicado no ano seguinte (Raimundo Magalhães

burocrática, desde sua primeira nomeação para um cargo público em 1867 até dois meses antes de sua morte, quando ainda dava expediente no Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas como diretor-geral de Contabilidade,⁵ atuando ainda, em paralelo, como jornalista durante todo esse tempo. Da vastíssima obra desse pacato cidadão, marido dedicado⁶ e funcionário exemplar, podemos pinçar quatro romances fundamentais (*Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e *Esau e Jacó*); dois ensaios basilares (“O ideal do crítico” e “Instinto de nacionalidade”); quatro poemas dignos de figurar em qualquer antologia do gênero (“Círculo vicioso”, “Uma criatura”, “Soneto de Natal” e “A Carolina”)⁷; e pelo menos duas dúzias de obras-primas da narrativa curta, gênero no qual talvez o encontremos mais à vontade.

Sobre o conto, ao qual foi fiel ao longo de toda a vida, afirma Machado de Assis: “É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção que ele é muitas vezes credor”. Tinha 19 anos quando publicou seu primeiro texto de

Júnior, “As viagens de Machado de Assis”, *Ao redor de Machado de Assis: Pesquisas e interpretações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958, pp. 179–190).

5. Auxiliar do diretor do *Diário Oficial*, nomeado em 8 de abril de 1867 por Zacharias de Góes e Vasconcelos, ingressou efetivamente no serviço público em 7 de janeiro de 1874, como amanuense lotado na Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Cf. Raimundo Magalhães Júnior, *Machado de Assis funcionário público (no Império e na República)*. Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas/ Serviço de Documentação, 1958.

6. Em 12 de novembro de 1869, Machado se casa com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Moraes, nascida em 1835 e falecida em 1904. O casal não teve filhos: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”, confessava o narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, numa frase que é toda uma visão de mundo.

7. Os três primeiros foram publicados em *Ocidentais*, de 1901; e “A Carolina” abre o volume híbrido *Relíquias de casa velha* (1906).

ficção, “Três tesouros perdidos”⁸, e o último, “O escrivão Coimbra”, um ano e oito meses antes de morrer.⁹ Ao comentar a dispersão de seus contos, Lúcia Miguel Pereira indica que Machado de Assis “não foi acurado no cultivo da própria glória”¹⁰, avaliação com a qual estou de acordo. Um artigo no jornal *A Província de São Paulo*, de 10 de outubro de 1886, cuja autoria é identificada pelas iniciais M. O., já assinalava: “[...] é um verdadeiro crime de lesa-literatura conservarem-se esparsos pelas revistas e jornais os deliciosos contos de Machado de Assis. Prestaria um relevantíssimo serviço às letras pátrias o editor que os reunisse num elegante volume, salvando-os assim de morte certa e inevitável”. Dos 218 contos escritos por Machado de Assis ou a ele atribuídos,¹¹ apenas 76 foram recolhidos em livros: 7 em *Contos fluminenses* (1870), 6 em *Histórias da meia-noite* (1873), 12 em *Papéis avulsos* (1882), 18 em *Histórias sem data* (1884), 16 em *Várias histórias* (1896), 8 em *Páginas recolhidas* (1899) e 9 em *Relíquias de casa velha* (1906). Alguns textos, deixados de fora, poderiam figurar sem prejuízo em qualquer das coletâneas listadas.

Não é esta mais uma antologia de Machado de Assis, como tantas existentes no mercado. Em geral, nos deparamos com recolhas panorâmicas, quando se traça a evolução estilística do autor; com recolhas temáticas, quando se enfeixam histórias contendo assuntos afins; com recolhas representativas de determinados períodos ou épocas; com recolhas ao gosto do público; com recolhas didáticas, para

8. *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 914, 5 jan. 1858.

9. *Almanaque Brasileiro Garnier*, Rio de Janeiro, 1906.

10. *Machado de Assis: Estudo crítico e biográfico*, op. cit.

11. A quantidade de contos escritos por Machado de Assis será sempre desconhecida, pois eles encontram-se espalhados por jornais e revistas publicados da segunda metade do século XIX até os primeiros anos do século XX, sob vários pseudônimos. Uso o número 218 seguindo o levantamento do pesquisador Djalma Cavalcante, em *Contos completos de Machado de Assis* (Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003, vol. 1, t. 1, pp. 1V-1X).

suprir demandas particulares; e ainda com recolhas aleatórias, guiadas por fundamentos obscuros ou fundamento nenhum. Renunciei a essas veredas para tentar construir uma antologia cujo critério primeiro e último fosse o meu gosto pessoal sim, porém alicerçado naquilo que considero a substância da literatura, a perfeita adequação entre o quê e o como.

Sou leitor apaixonado de Machado de Assis desde os 15 anos, quando ganhei de presente de aniversário um pequeno volume de seus contos, numa edição paradidática que ostentava uma horrorosa ilustração de uma cena de “A cartomante” na capa. De lá para cá, Machado de Assis é leitura constante. Penso que a literatura deve aspirar à transcendência: um texto de ficção redigido num determinado idioma, com personagens circunscritos a um espaço e tempo precisos, imersos nas suas singularidades, que, dissolvendo-se e expandindo-se, afetam o aqui e agora do leitor, para além de idioma, espaço e tempo. Assim, após me debruçar sobre a totalidade da obra de ficção curta de Machado de Assis, escolhi dezessete textos entre aqueles que, para mim, resultam no mais perfeito equilíbrio entre o motivo abordado e a forma escolhida.

Uma de suas melhores intérpretes, a já mencionada ensaísta e romancista Lúcia Miguel Pereira, afirma, com certo exagero, que se Machado de Assis tivesse morrido cedo “mal figuraria hoje nas histórias literárias”. E justifica: “Só pela altura dos quarenta anos ousou ser o que era, ter essa sinceridade consigo mesmo sem a qual nenhum artista se realiza”¹². Não chego a compartilhar integralmente da opinião de Lúcia Miguel Pereira, até porque a perspectiva literária de

12. “Prefácio”. Machado de Assis, *Casa velha*. São Paulo: Martins; Brasília: INL-MEC, 1972, p. VI.

Machado de Assis se faz em processo, e é possível reconhecer nos *Contos fluminenses*, sua estreia na prosa de ficção (impresso em 1870), ou em *Ressurreição*, seu primeiro romance, publicado em 1872, o desencantado e misantropo que viria se tornar a partir de 1881, quando lança *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Mas, seguramente, a justa fama e o legítimo reconhecimento que Machado de Assis angariou ao longo da história, e que cresce ano a ano, decorre principalmente de seus escritos dados à luz depois daquela data. Daí que, dos dezessete contos selecionados para esta antologia, apenas dois tenham sido publicados antes de 1881: o ousado “Confissões de uma viúva moça” e, segundo John Gledson, o intencionalmente esquecido “Mariana”.¹³

“Confissões de uma viúva moça” saiu no *Jornal das Famílias*¹⁴, nas edições de abril, maio e junho de 1865, assinado apenas como J. e posteriormente aproveitado entre os sete trabalhos enfeixados no volume *Contos fluminenses*. Os estudiosos da obra machadiana são unânimes em rejeitar valor literário a esses primeiros trabalhos — somente John Gledson chama atenção para o caráter de certa forma subversivo exercido na colaboração de Machado de Assis para revistas femininas: “Esse esforço de produzir uma literatura que estimulasse as mulheres brasileiras é um dos traços menos conhecidos da carreira desse suposto retraído”¹⁵. Mas, se a crítica da época ignorou

13. “Introdução”. Machado de Assis, *Contos: Uma antologia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 24.

14. “O *Jornal das Famílias* era uma revista mensal, publicada no Rio de Janeiro pelo editor B. L. Garnier e destinada à leitura de moças. Trazia, além de literatura amena, receitas culinárias, moldes, bordados e outros assuntos de utilidade e recreio”. (J. Galante de Souza. “Prefácio”. Machado de Assis, *Contos fluminenses. Edições críticas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL-MEC, 1975, p. 11) .

15. “Introdução”. Machado de Assis, *Contos: Uma antologia*, pp. 18-19.

o livro, os guardiães da moralidade levantaram-se para denunciar o caráter “inconvenientíssimo” de “Confissões de uma viúva moça”. Sob o pseudônimo Caturra, um leitor publicou no *Correio Mercantil* quatro artigos reclamando de “tanta liberdade de imprensa”¹⁶: “Pergunto eu [...] se esse é um escrito digno da apreciação de uma donzela, cujos pais se desvelam em educá-la nos sãos princípios da moral religiosa, para que um dia, esposa e mãe de família, faça como sua a felicidade de seu marido, assim glorificando as cãs dos que lhe deram o ser e remunerando-lhes com a sua simples e virtuosa conduta e estima social os esforços despendidos na sua criação e educação?”¹⁷.

Eugênia, a viúva moça, envia, de Petrópolis, onde se encontra, seis cartas a uma amiga moradora do Rio de Janeiro relatando como, casada com um homem por quem demonstrava “certa superioridade” espiritual, aceitou, e até mesmo incentivou, o assédio sexual de um tal Emílio. À medida que Emílio percebe o sucesso de seu cerco, torna-se mais audacioso e passa a chantageá-la — ameaça matar-se, propõe uma fuga... Eugênia resiste em consumir a traição, até que a morte inesperada do marido, mesmo que não desejada por ela, provoca-lhe alívio por saber que, decorrido o luto, ficaria livre para desposar Emílio, a quem amava de verdade e pensava por ele venerada. Só que Emílio desaparece de maneira intempestiva,

16. O *Correio Mercantil* foi um dos mais importantes jornais do Rio de Janeiro na época. O primeiro artigo saiu no dia 1º de abril de 1865. Replicado pelo autor do conto, ainda assinando J., em nota no *Diário do Rio de Janeiro* do dia seguinte, Caturra voltou ao tema na edição de 1º de maio. No dia 2 de maio, no mesmo jornal, Machado de Assis revela ser J. e pede que Caturra “aguarde o resto do escrito para julgar da sua moralidade”. Caturra responde no dia 4 de maio, contestado no dia 9 por alguém que subscreve como “Uma mãe de família”. Caturra volta ao tema pela última vez no dia 15 e é contraditado por Sigma, no dia 3 de junho. Uma mãe de família e Sigma podem ser pseudônimos que o próprio Machado de Assis utilizou para manter a polêmica, a qual, ao fim e ao cabo, chamava atenção para a sua peça ficcional.

17. *Apud* Jean-Michel Massa, *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1965, p. 212.

deixando-a corroída pela culpa, pelo remorso e pela indignação. Eugênia conclui: “Emílio era um sedutor vulgar e só se diferenciava dos outros em ter um pouco mais de habilidade que eles”.

É surpreendente notar que essa é uma das primeiras narrativas de ficção publicadas por Machado de Assis — ele havia lançado antes uma coletânea de poemas, *Crisálidas*, em 1864, e seis peças de teatro, e era relativamente conhecido na Corte como jornalista e cronista. Diferentemente dos outros contos desse período, o autor aqui não só enfrenta um tema controverso — o adultério, mesmo que não efetivado — como o resolve literariamente de forma plena. Nesse sentido, se afasta de certa aura romântica que perpassa a quase totalidade de sua produção até 1881 e não apresenta os problemas de composição que levariam a sempre severa Lúcia Miguel Pereira a afirmar, sobre esse livro, que “tudo é artifício, tudo jogo de palavras”¹⁸ — com quem concordo, excetuando essas “Confissões de uma viúva moça”. Precavendo-se contra os senões moralistas que adviriam, o autor se antecipa e faz Eugênia afirmar que o que se vai ler é uma “lição” que “há de servir-me, como a ti, como às nossas amigas inexperientes”.

De maneira admirável, Machado de Assis contrabandeia ideias desestabilizadoras para suas leitoras. Eugênia é determinada e independente, tem opiniões e atitude, não corresponde, portanto, ao figurino da mulher passiva, “esposa e mãe de família”, como advoga Caturra. O saldo dessa paixão por Emílio, afirma textualmente Eugênia, foi ter “perdido uma ilusão e dois anos de vida”. Curiosamente, a confissão da protagonista — “ganhei conhecer um homem [...] que me parece singularmente parecido com outros muitos” — deixa claro que

18. Machado de Assis. *Estudo crítico e biográfico*, op. cit., p. 136.

Machado de Assis, muito mais interessado que discutir a questão do adultério, quer é denunciar a covardia inerente ao ser humano — ou, como brilhantemente sintetiza Lúcia Miguel Pereira, referindo-se a outro conto: para o escritor, “a sina da maioria dos homens é a mediocridade, é assistir passivamente à morte dos sonhos, dos amores e das ambições”¹⁹. Esse sentimento, de impotência e acomodação em face da vida, perpassa a maioria dos contos da maturidade do autor.

“Mariana”²⁰ é um dos dois únicos textos aproveitados nesta antologia que não consta de nenhum dos livros lançados em vida por Machado de Assis — o outro é “O escrivão Coimbra”. Assim como em “Confissões de uma viúva moça”, aqui também ousou o autor — e ousou mais, pois tratou de um tema espinhoso e desagradável a seus contemporâneos, a ignominiosa escravidão. Da mesma forma publicado originalmente no *Jornal das Famílias* — na edição de janeiro de 1871, sob o pseudônimo J.J. —, “Mariana” aborda o impossível amor de uma escrava, Mariana, pelo seu senhor, Coutinho. O assunto escravidão estava em pauta na época — a partir do começo de 1870 houve intensos debates no Parlamento, que culminaram com a promulgação da chamada Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871, garantindo liberdade aos filhos de escravizados nascidos no Brasil. Assim, Machado de Assis engajava-se no debate, expondo, a partir de uma motivação aparentemente romântica, a crueldade da escravidão, com o apagamento do sujeito por meio do vocabulário com que Mariana é referida no texto — “criadinha”, “mulatinha” —,

19. “Prefácio”. Machado de Assis, *Casa velha*, op. cit.

20. Não confundir com o conto homônimo publicado na *Gazeta de Notícias* em 18 de outubro de 1891 e aproveitado pelo autor na coletânea *Várias histórias*, lançada em 1895. Ambos os contos podem ser lidos em: Machado de Assis, *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, vol. 2, pp. 504-510 (“Mariana”, de 1891) e pp. 1007-1019 (“Mariana”, de 1871).

pelas insinuações de violação sexual feitas pelo protagonista e por seu tio²¹, pelo desprezo com que seus sentimentos são tratados e pelo desdém que seu suicídio provoca nos amigos que ouvem a história.

Coutinho relembra, durante jantar com amigos, após quinze anos morando na Europa, a paixão que Mariana, “uma gentil mulatinha, nascida e criada como filha da casa”, desenvolveu por ele em sua mocidade. Mariana, que “era como se fosse pessoa livre”, com a única diferença de que “não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas”, tinha uma inteligência superior — “além dos trabalhos de agulha”, “aprendera a ler e escrever” e sabia francês. Apesar disso, Coutinho via nela apenas um objeto sexual: “sentia-se-lhe o fogo através da tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados” e seu “talhe esbelto e elegante, colo voluptuoso, pé pequeno e mãos de senhora”. Flagrando-a um dia com lágrimas nos olhos e suspirosa, Coutinho, ainda que com “riso de mofa e incredulidade”, infla-se com o “atrevimento”, já que “qualquer que seja a condição da mulher, há sempre dentro de nós um fundo de vaidade que se lisonjeia com a afeição que ela nos vote”. Sabendo que Coutinho vai se casar com uma prima, Mariana foge de casa. Ele procura-a, convence-a a voltar, mas ela foge uma segunda vez. Coutinho segue de novo em seu enalço e descobre-a em um hotel, onde, desesperada, ela se mata, ingerindo um frasco de veneno. Coutinho acaba não se casando com a prima e viaja para a Europa.

21. João Luís, tio de Coutinho, pergunta, em tom libidinoso: “Por que diabo está tua mãe guardando aqui em casa esta flor peregrina? A rapariga precisa de ar”. Em outro ponto, logo após Coutinho convencer Mariana a voltar para casa, o tio insinua que ele fora “um asno e um ingrato”: “[...] devias ter posto Mariana debaixo da minha proteção [...]”. Mas é Coutinho que a encara com mais lubricidade. Quando Mariana foge pela primeira vez, ele afirma que, a seus olhos, a escrava tornara-se “interessante”, pois havia lhe surgido uma ideia “que a razão pode condenar, mas que nossos costumes aceitam perfeitamente” – ou seja, torná-la sua amante.

Finda a história e o jantar, sem nenhum remorso ou culpa, ele sai para a rua com os amigos, “examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas”.

Assim como estendi-me um pouco para justificar a escolha destes dois contos menos conhecidos de Machado de Assis, “Confissões de uma viúva moça” e “Mariana”, julgo desnecessário alongar-me demasiado para legitimar a opção pelos outros quinze que reuni nesta antologia, bastante familiares aos leitores das mais diversas faixas etárias. Antecipo-me, apenas, para explicar por que não utilizei uma narrativa, “O alienista”, digna de aqui também figurar. Nesse caso, a exclusão deveu-se principalmente ao tamanho do texto — 56 páginas —, mas também à controvérsia existente acerca do gênero a que pertence, polêmica antiga, mas realimentada em todas as gerações.²² “O alienista” foi publicado originalmente em seis edições da revista *A Estação*, entre outubro de 1881 e março de 1882 — portanto, iniciado no ano em que Machado de Assis lançava *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

“O alienista” seria aproveitado na coletânea *Papéis avulsos*, lançada em 1882, no mesmo volume em que saía “Teoria do medalhão”, publicado originalmente no *Diário de Notícias*, de 18 de dezembro de 1881. “Teoria do medalhão” é a visão pessimista de Machado de Assis a respeito do exercício da política no cenário nacional.²³ No dia do

22. Ver por exemplo o excelente ensaio “Questões abertas sobre *O alienista*” (Sabará: Dubol-sinho, 2020), de Eloésio Paulo, que sustenta que *O alienista* pode ser compreendido como um romance malogrado.

23. Esse desencanto perpassa toda a obra madura de Machado de Assis, como no conto “A Sere-níssima República”, de 1882, que pode ser lido na coletânea *Papéis avulsos* (1882), ou nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, e *Esaú e Jacó*, de 1904.

aniversário de 21 anos de seu filho Janjão, um bem-sucedido pai lhe dá conselhos, alicerçados no cinismo e na hipocrisia. Ideias, por exemplo: “[...] o melhor será não as ter absolutamente”. A autopromoção é fundamental e a defesa de princípios totalmente descabida: “[...] podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos”. Nada de imaginação, nada de filosofia, nada de ironia — “esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência” —: eis a receita para se tornar um medalhão²⁴.

“O espelho”, publicado na *Gazeta de Notícias* de 8 de setembro de 1882, e também aproveitado em *Papéis avulsos*, expõe a tese de Jacobina, “provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução”, de que possuímos duas almas: “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”. Quando tinha 25 anos, Jacobina, recém-nomeado alferes da Guarda Nacional, descobre que, sem o vistoso uniforme, sua imagem refletida no espelho mostrava-se “vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra”. Ela só se manifestava completa quando ele surgia engalanado dentro do uniforme de alferes. Irônica metáfora do Brasil, onde é a aparência — a “alma exterior” — que define o lugar de cada um na sociedade.

Também publicado na *Gazeta de Notícias*, em 30 de maio de 1883, e enfeitado na coletânea *Histórias sem data*, lançada em 1884, “Singular ocorrência” é um conto amoral, no sentido de que não pretende

24. Segundo Caldas Aulete, “medalhão” quer dizer, popularmente, “homem importante, figurão; homem que ostenta muitas condecorações. Indivíduo sem valor real mas colocado em alta posição por influências diversas. Profissional liberal cujo renome é maior que os seus méritos” (*Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958, vol. 3, pp. 3187-3188).

explicar, justificar ou julgar os fatos narrados, mas apenas expor a vida como ela é, na maior parte das vezes constituída por situações inverossímeis ou incompreensíveis. Marocas era uma prostituta, “de modos sérios, linguagem limpa”, que acaba conquistando os favores de Andrade, “meio advogado, meio político”, casado e pai de uma “filhinha de dois anos”. Apaixonados um pelo outro, ela “abandona todos os seus namorados” para se dedicar exclusivamente ao amante. Um dia, Leandro, “sujeito reles e vadio”, conta para Andrade que esteve com uma mulher que “não era coisa para seus beijos”. Surpreso e desesperado, Andrade descobre que trata-se de Marocas. Ele leva Leandro até ela, humilha-a, e, depois de dizer-lhe “as coisas mais duras do mundo”, abandona-a. Mas, logo após, arrependido, procura-a, perdoa-a, bota casa no subúrbio e vivem anos de absoluta dedicação. Tempos depois, ele segue com a família “em comissão do governo” para o Norte, onde termina morrendo. O que levou Marocas àquele episódio isolado de traição ao homem que deveras amava? Eis a singular ocorrência...

“Noite de almirante”, de certa maneira, emula a conclusão de “Confissão de uma viúva moça”: a realidade é o enterro dos sonhos, dos amores e das ambições. Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* de 10 de fevereiro de 1884, e também enfeitado em *Histórias sem data*, “Noite de almirante” acompanha a volta do marinheiro Deolindo Venta Grande para os braços de Genoveva, a quem conhecera três meses antes de sair em viagem de instrução, jurando ambos fidelidade recíproca. Passado pouco menos de um ano de ausência, Deolindo não encontra Genoveva morando mais na mesma casa — ela fugira com um mascate. O marinheiro sente ímpeto de matá-la, mas quando a encontra, ela explica, numa “mescla de candura e cinismo, de insolência e simplicidade”, que o “coração mudou” e que agora

gostava do mascate... Ele volta para a corveta e, com “vergonha da realidade”, deixa os companheiros acreditarem que ele teve uma “noite de almirante”.

Com o título de “Cousas íntimas”, “O enfermeiro” saiu primeiro no jornal *Gazeta de Notícias*, em 13 de julho de 1884, recolhido posteriormente na coletânea *Várias histórias*, de 1896. Procópio José Gomes Valongo é contratado para enfermeiro do coronel Felisberto, “homem insuportável, estúrdio, exigente”, numa fazenda do interior. Após sofrer todo tipo de degradação nas mãos do coronel, o narrador confessa que acabou por esganá-lo. Sem testemunhas, a morte do antipático coronel é recebida com naturalidade pelos moradores da pequena vila. Qual não é a surpresa de Procópio ao descobrir que o coronel havia deixado toda a sua fortuna para ele. Se, a princípio, imagina recusá-la ou doá-la integralmente, afinal resolve convertê-la em títulos e dinheiro... Irônico, Machado de Assis expõe a crueldade, o egoísmo e a mesquinhez dos seres humanos.²⁵

Embora tenha explorado pouco o mundo das crianças em sua obra, é nesse ambiente que Machado de Assis consegue a maestria narrativa. “Conto de escola”, publicado na *Gazeta de Notícias* de 8 de setembro de 1884 e recolhido em *Várias histórias*, forma, junto com “Umas férias” — abordado mais adiante — um conjunto primoroso. Aliás, em “Conto de escola” encontramos uma inusual evocação da infância do autor, ainda que breve e camuflada,²⁶ ao descrever o primeiro encontro do narrador com a corrupção e a delação, e, poderíamos acrescentar por nossa conta, com a rebeldia...

25. Ver também o capítulo “O almocreve”, em: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *op. cit.*, pp. 141-142.

26. Ver Raimundo Magalhães Júnior, *Vida e obra de Machado de Assis*, *op. cit.*, pp. 14-15.

“A cartomante” deve ser o mais conhecido conto de Machado de Assis, junto com “Missa do galo”. Publicado na *Gazeta de Notícias* em 28 de novembro de 1884, e também aproveitado em *Várias histórias*, narra o irônico fim da relação extraconjugal de Rita com Camilo, amigo de infância de seu marido, Vilela. Vilela começa a receber cartas anônimas relatando a traição de sua mulher, deixando preocupado o casal de amantes. Por insistência de Rita, Camilo consulta uma cartomante para saber se havia perigo de Vilela vir a tomar alguma atitude contra eles, abrindo caminho para o trágico desfecho.

O curtíssimo “Um apólogo” é um conto de viés filosófico, único exemplar aproveitado desse nicho, que considero dos mais fracos explorados por Machado de Assis — e nesse aspecto comungo da opinião de John Gledson.²⁷ Publicado na *Gazeta de Notícias* de 1º de março de 1885, sob o título “A agulha e a linha”, e aproveitado em *Várias histórias*, é o diálogo entre a vaidosa e arrogante linha e a diligente agulha — esta trabalha, mas quem acompanha a baronesa ao baile é a linha... O apólogo é arrematado com uma terrível constatação de “um professor de melancolia”: “Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!”.

Junto com “O enfermeiro”, talvez “A causa secreta” seja uma das mais cruéis narrativas presentes nesta coletânea. Garcia, jovem médico, torna-se amigo de Fortunato Gomes da Silveira, “capitalista” que funda uma casa de saúde só para poder exercer mais de perto o que parecia uma vocação inata para cuidar de pessoas doentes.

27. “Por mais importantes que sejam, os contos diretamente ‘filosóficos’ representam uma minoria, e me parece que alguns deles são menos bem realizados do que poderia sugerir sua reputação” (“Introdução”. Machado de Assis, *Contos: Uma antologia*, *op. cit.*, vol. 1, p. 42).

Mas logo Garcia descobre que, na verdade, Fortunato sentia prazer com a dor alheia — um sádico, que iria, no leito de morte da mulher, exercer com mais vigor a sua perversão. Originalmente publicado na *Gazeta de Notícias* de 1º de agosto de 1885, foi também recolhido em *Várias histórias*.

Antes de publicar “Um homem célebre”, na *Gazeta de Notícias* de 29 de junho de 1888, Machado de Assis já havia abordado o tema do artista que almeja a glória perene e só alcança ou o reconhecimento passageiro ou a frustração do anonimato.²⁸ Esse mote está em “O machete”, publicado no *Jornal das Famílias*, edições de fevereiro e março de 1878, e não aproveitado em livro, e em “Cantiga de esponsais”, publicado em *A estação*, em 15 de maio de 1883, e recolhido em *Histórias sem data*, de 1884. Em “Um homem célebre” (também recolhido em *Várias histórias*), Pestana é um conhecido compositor de polcas, música muito popular na época, mas sua grande aspiração é elaborar um noturno, um réquiem, alguma página erudita que o imortalizasse. Mas de sua imaginação só brotam temas graciosos, buliçosos...

“O caso da vara” vem se somar a “Mariana”, já nomeado, e “Pai contra mãe”, descrito mais à frente, como os contos em que Machado de Assis aborda a questão da escravidão de forma mais explícita. Publicado na *Gazeta de Notícias* de 1º de fevereiro de 1891 e aproveitado na coletânea *Páginas recolhidas*, lançada em 1899, narra a história de Damião, que, fugido do seminário, busca a proteção de Sinhá Rita, uma viúva, amante de seu padrinho, João Carneiro. Damião intuía que Sinhá Rita poderia manipular o padrinho para convencer seu pai a aceitar a falta de vocação para o sacerdócio.

²⁸. Tema tratado também no poema “Círculo vicioso”, em: *Toda poesia de Machado de Assis*. Cláudio Murilo Leal (org.). Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 299.

Para conseguir sucesso em seu pleito, Damião terá de mostrar-se alinhado com Sinhá Rita, mesmo que cometendo uma enorme injustiça — evidenciando, na verdade, os mecanismos de funcionamento da nossa rígida hierarquia social.

A obsessão do autor pelo jogo de sedução entre um adolescente e uma mulher mais velha surge em pelo menos dois ótimos contos, “Uns braços” e “Missa do galo”, o que me autoriza a crer que se trata da tentativa de reviver uma cena autobiográfica. “Uns braços” saiu originalmente na *Gazeta de Notícias*, em 5 de novembro de 1885, e foi coligido em *Várias histórias*, enquanto “Missa do galo” saiu em *A Semana* do dia 12 de maio de 1894, aproveitado em *Páginas recolhidas*. As duas histórias, a rigor, são a mesma, o que me fez descartar uma delas, “Uns braços”.

Em “Uns braços”, Inácio, um adolescente de 15 anos, mora na casa do solicitador Borges para aprender o ofício — “os procuradores de causas ganhavam muito”. Borges vive maritalmente com D. Severina, 27 anos. Inácio é fascinado pelos braços da mulher, que os trazia nus constantemente. Ela acaba percebendo ser objeto de adoração do adolescente e, num domingo, com o marido ausente, e Inácio aparentemente adormecido, pespega-lhe um beijo na boca. Depois disso, D. Severina, assustada e arrependida, muda o comportamento com relação a Inácio, que afinal é mandado embora da casa. “Através dos anos, por meio de outros amores, mais efetivos e longos, nenhuma sensação achou nunca igual à daquele domingo [...]”, conclui o nostálgico narrador.

Do mesmo modo, é de sonho o clima em “Missa do galo”. O estudante Sr. Nogueira (17 anos — que poderia ser o Inácio de “Uns braços”) mora na casa do escrivão Meneses (que poderia ser o solicitador Borges), casado em segundas núpcias com Conceição (30 anos — que

poderia ser D. Severina).²⁹ O adolescente também é fascinado pelos braços da mulher mais velha.³⁰ No aguardo da hora da missa de Natal, ausente Meneses, Nogueira e Conceição encenam um intenso jogo de insinuações eróticas — “Há impressões desta noite que me parecem truncadas e confusas”, confessa o narrador, anos mais tarde. No dia seguinte, como em “Uns braços”, Conceição se comporta “sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera”. O adolescente sai em férias e quando volta Meneses está morto — e ele nunca mais vê Conceição.

“Umás férias” é um dos raros contos de Machado de Assis que não experimentaram as páginas de jornais ou revistas antes de ser recolhido em volume. Saiu apenas em *Relíquias de casa velha*, sua última compilação de textos de ficção curta, publicada em 1906. José, 10 anos, está em aula, quando é convocado pelo tio Zeca. Feliz por deixar a escola, junto com a irmã, Felícia, um ano mais velha, acredita que ambos vão para casa para participar de uma festa-surpresa. No caminho, as crianças cogitam inúmeras fantasias, até depararem com a dura realidade do falecimento do pai. Mas a morte, principalmente para o pequeno José, não é ainda algo compreensível, não é o fim de tudo.³¹

Também “Pai contra mãe” saiu diretamente em *Relíquias de casa velha*. Cândido Neves, Candinho, tinha como ofício “pegar escravos

29. Observe que ambas as mulheres não são “legítimas”: D. Severina “vive maritalmente” com Borges, enquanto Conceição é casada “em segundas núpcias” com Meneses. A situação jurídica (e moral) da mulher seria uma forma de diminuir a culpa do narrador?

30. Curioso como em “Uns braços”, narrado em terceira pessoa, o adolescente é tratado pelo nome, Inácio, e a mulher por D. Severina — ao contrário de “Missa do galo”, narrado em primeira pessoa, em que o protagonista é o Sr. Nogueira, embora tenha apenas 17 anos, e a mulher é Conceição, sem a adição do pronome de tratamento...

31. Talvez aqui esteja outra nota biográfica do autor: José, o protagonista, conta a mesma idade de quando Machado de Assis perdeu a mãe.

fugidos”. Casado com Clara, que ajudava nas despesas da casa cosendo para fora com a tia Mônica, viviam em estado de pobreza absoluta. Nascendo-lhes um filho, veem-se na necessidade de doá-lo para a Igreja, que se encarregava de encaminhar os enjeitados para famílias dispostas a adotá-los. Candinho sai para depositar o bebê na Roda, quando avista uma escrava fugida. Ele deixa o filho numa farmácia, persegue e captura a escrava, leva-a ao seu dono e recebe a recompensa. A mulher, grávida, aborta devido à violência da ação. De volta a casa com o filho, Candinho é recebido com felicidade. “Nem todas as crianças vingam”, conclui.

Após *Relíquias de casa velha*, lançado em fevereiro de 1906, Machado de Assis lançou apenas o romance *Memorial de Aires*, que saiu dois meses antes de sua morte, em 1908. Entre um e outro livro, ele escreveu somente dois contos, ambos publicados no *Almanaque Brasileiro Garnier*: “Um incêndio”, em janeiro de 1906, e “O escrivão Coimbra”, em janeiro de 1907. “Um incêndio” traz a marca do amargo humor machadiano, que nos lembra os melhores momentos do russo Anton Tchêkhov (1860–1904).³² Mas é em “O escrivão Coimbra” que nos deparamos com o resumo de sua visão da vida.

Coimbra tem 60 anos — uma idade avançada para a época —, é escrivão, viúvo, já não crê em nada e vive solitário. Sua única mania, comprar bilhetes de loteria, nunca havia dado qualquer resultado. Continuava a apostar na sorte quase com indiferença, por teimosia. Em dezembro de 1898 adquiriu aquela que seria sua última tentativa. Na véspera de Natal, Coimbra descobre, ao conferir o número sorteado, que ganhara 500 contos de réis, uma fortuna. Menos de

32. Aliás, é realmente impressionante como, vivendo tão distantes, Machado de Assis e Anton Tchêkhov, sem nunca terem lido um ao outro, mantêm tantos pontos convergentes.

quatro meses depois, em abril do ano seguinte,³³ está morto — ele, que “antes do golpe que o levou [...] não padecia nada, não tinha a menor lesão, apenas algum cansaço”.

A vida é uma luta previamente perdida...

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Os contos nesta antologia estão em ordem cronológica inversa, ou seja, o livro começa com histórias do final da carreira de Machado de Assis e avança para seus primórdios. Agindo assim, creio que o leitor irá se acostumando melhor com o estilo e a temática do autor, além de ter oportunidade de perceber “como cresce no fruto/ a árvore nova”, segundo as belíssimas palavras de Ferreira Gullar.³⁴

Como base para esta edição, foram utilizados, prioritariamente, os originais da *Gazeta de Notícias* e do *Jornal das Famílias*, além das edições originais de *Relíquias de casa velha*, *Outras relíquias* (coletânea póstuma) e as edições críticas da Civilização Brasileira. Também foram consultadas as seguintes edições: Nova Aguilar, *Almanaque Brasileiro Garnier* e WMF Martins Fontes — esta sob os cuidados de Marta de Senna, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa e criadora do portal www.machadodeassis.net, também consultado.

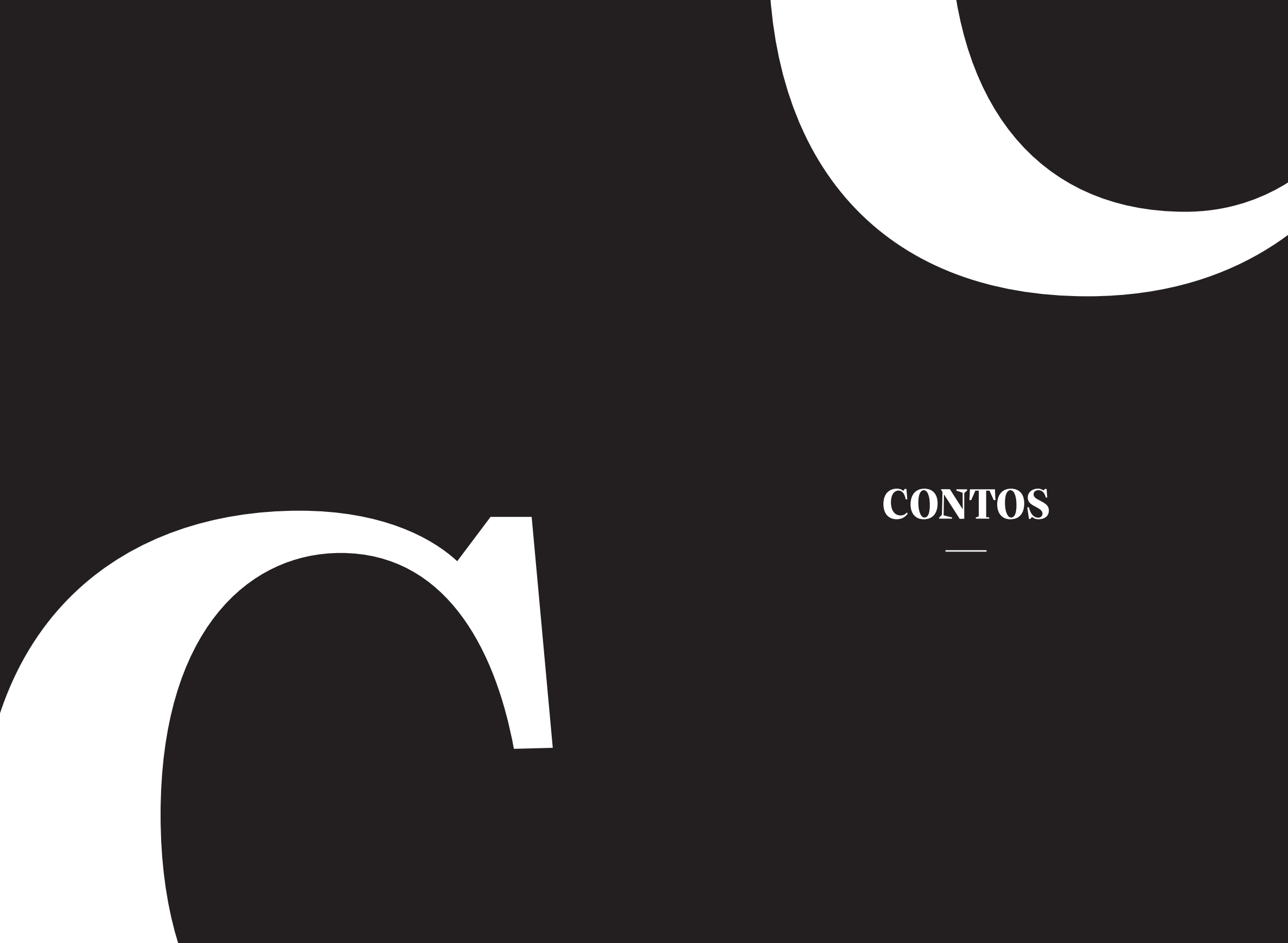
O texto foi atualizado conforme o Novo Acordo Ortográfico; contudo, a pontuação do autor foi mantida conforme o original, sendo

alterada apenas nos casos em que o bom entendimento do texto ficava comprometido.

Procurou-se, ainda, manter a grafia da época nas palavras que assim permanecem registradas nos dicionários de hoje, como ocorre com “cousa” (“coisa”) e “dous” (“dois”). Nesses e em outros casos, optamos por manter uma única grafia dentro de um mesmo texto, mas foi respeitada a variação quando se tratou de textos diferentes.

33. Em 1899, também Machado de Assis tinha 60 anos, idade do escrivão Coimbra.

34. “Meu povo, meu poema”, em: *Toda poesia*. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, p. 155.



CONTOS





O ESCRIVÃO COIMBRA

APARENTEMENTE HÁ POUCOS espetáculos tão melancólicos como um ancião comprando um bilhete de loteria. Bem considerado, é alegre; essa persistência em crer, quando tudo se ajusta ao descrer, mostra que a pessoa é ainda forte e moça. Que os dias passem e com eles os bilhetes brancos, pouco importa; o ancião estende os dedos para escolher o número que há de dar a sorte grande amanhã, — ou depois, — um dia, enfim, porque todas as cousas podem falhar neste mundo, menos a sorte grande a quem compra um bilhete com fé.

Não era a fé que faltava ao escrivão Coimbra. Também não era a esperança. Uma cousa não vai sem outra. Não confundas a fé na Fortuna com a fé religiosa. Também tivera esta em anos verdes e maduros, chegando a fundar uma irmandade, a irmandade de S. Bernardo, que era o santo do seu nome; mas aos cinquenta, por efeito do tempo ou de leituras, achou-se incrédulo. Não deixou logo a irmandade; a esposa pôde contê-lo no exercício do cargo de mesário e levava-o às festas do santo; ela, porém, morreu, e o viúvo rompeu

de vez com o santo e o culto. Resignou o cargo da mesa e fez-se irmão remido para não tornar lá. Não buscou arrastar outros nem obstruir o caminho da oração; ele é que já não rezava por si nem por ninguém. Com amigos, se eram do mesmo estado de alma, confessava o mal que sentia da religião. Com familiares, gostava de dizer pilhérias sobre devotas e padres.

Aos sessenta anos já não cria em nada, fosse do céu ou da terra, exceto a loteria. A loteria, sim, tinha toda a sua fé e esperança. Poucos bilhetes comprava a princípio, mas a idade, e depois a solidão, vieram apurando aquele costume e o levaram a não deixar passar loteria sem bilhete.

Nos primeiros tempos, não vindo a sorte grande, prometia não comprar mais bilhetes, e durante algumas loterias cumpria a promessa. Mas lá aparecia alguém que o convidava a ficar com um bonito número, comprava o número e esperava. Assim veio andando pelo tempo fora até chegar aquele em que loterias rimaram com dias, e passou a comprar seis bilhetes por semana; repousava aos domingos. O escrevente juramentado, um Amaral que ainda vive, foi o demônio tentador nos seus desfalecimentos. Tão depressa descobriu a devoção do escrevão, começou a animá-lo nela, contando-lhe lances de pessoas que tinham enriquecido de um momento para outro.

— Fulano foi assim, Sicrano assim, Beltrano assim — dizia-lhe Amaral expondo a aventura de cada um.

Coimbra ouvia e cria. Já agora cedia às mil maneiras de convidar a sorte, a que a superstição pode emprestar certeza, número de uns autos, soma de umas custas, um arranjo casual de algarismos, tudo era combinação para encomendar bilhetes, comprá-los e esperar. Na primeira loteria de cada ano comprava o número do ano; empregou este método desde 1884. Na última loteria de 1892 inventou outro,

trocou os algarismos da direita para a esquerda e comprou o número 2981. Já então não cansava por duas razões fundamentais e uma accidental. Sabeis das primeiras, a necessidade e o costume, a última é que a Fortuna negaceava com gentileza. Nem todos os bilhetes saíam brancos. Às vezes (parecia de propósito) Coimbra dizia de um bilhete que era o último e não compraria outro se lhe saísse branco; corria a roda, tirava cinquenta mil-réis, ou cem, ou vinte, ou ainda o mesmo dinheiro. Quer dizer que também podia tirar a sorte grande; em todo caso, aquele dinheiro dava para comprar de graça alguns bilhetes. “Comprar de graça” era a sua própria expressão. Uma vez a sorte grande saiu dous números adiante do dele, 7377; o dele era 7375. O escrevão criou alma nova.

Assim viveu os últimos anos do império e os primeiros da república, sem já crer em nenhum dos dous regimes. Não cria em nada. A própria justiça em que era oficial, não tinha a sua fé; parecia-lhe uma instituição feita para conciliar ou perpetuar os desacordos humanos, mas por diversos e contrários caminhos, ora à direita, ora à esquerda. Não conhecendo as Ordenações do Reino, salvo de nome, nem as leis imperiais e republicanas, acreditava piamente que tanto valiam na boca de autores como de réus, isto é, que formavam um repositório de disposições avessas e cabidas a todas as situações e pretensões. Não lhe atribuas nenhum ceticismo elegante; não era dessa casta de espíritos que temperam a descrença nos homens e nas cousas com um sorriso fino e amigo. Não, a descrença era nele como uma capa esfarrapada.

Uma só vez saiu do Rio de Janeiro; foi para ir ao Espírito Santo à cata de uns diamantes que não achou. Houve quem dissesse que essa aventura é que lhe pegou o gosto e a fé na loteria; também não faltou quem sugerisse o contrário, que a fé na loteria é que lhe dera a vista

antecipada dos diamantes. Uma e outra explicação é possível. Também é possível terceira explicação, alguma causa comum a diamantes e prêmios. A alma humana é tão sutil e complicada que traz confusão à vista nas suas operações exteriores. Fosse como fosse, só daquela vez saiu do Rio de Janeiro. O mais do tempo viveu nesta cidade, onde envelheceu e morreu. A irmandade de S. Bernardo tomou a si dar-lhe cova e túmulo, não que lhe faltassem a ele meios disso, como se vai ver, mas por uma espécie de obrigação moral com o seu fundador.

Morreu no começo da presidência Campos Sales, em 1899, fins de abril. Vinha de assistir ao casamento do escrevente Amaral, na qualidade de testemunha, quando foi acometido de uma congestão, e antes da meia-noite era defunto. Os conselhos que se lhe acharam no testamento podem todos resumir-se nesta palavra: *persistir*. Amaral requereu traslado daquele documento para uso e guia do filho, que vai em cinco anos, e entrou para o colégio. Fê-lo com sinceridade, e não sem tristeza, porque a morte de Coimbra sempre lhe pareceu efeito de seu caiporismo; não dera tempo a nenhuma lembrança afetuosa do velho amigo, testemunha do casamento e provável compadre.

Antes do golpe que o levou, Coimbra não padecia nada, não tinha a menor lesão, apenas algum cansaço. Todos os seus órgãos funcionavam bem, e o mesmo cérebro, se nunca foi grande cousa, não era agora menos que dantes. Talvez a memória acusasse alguma debilidade, mas ele consolava-se do mal dizendo que “com a memória lhe saíram muitas cousas ruins da cabeça”. No foro era benquisto, e no cartório respeitado. Em 1897, pelo S. João, o escrevente Amaral insinuou-lhe a conveniência de descansar e propôs-se a ficar à testa do cartório para seguir “o exemplo fortificante do amigo”. Coimbra recusou, agradecendo. Entretanto, não deixava de temer que viesse

a fraquear e cair de todo, sem mais corpo nem alma que dar ao ofício. Já não saía do cartório, às tardes, sem um olhar de saudades prévias.

Chegou o Natal de 1895. Desde a primeira semana de dezembro foram postos à venda os bilhetes da grande loteria de quinhentos contos, chamada por alguns cambistas, nos anúncios, loteria-monstro. Coimbra comprou um. Parece que dessa vez não cedeu a nenhuma combinação de algarismos; escolheu o bilhete dentre os que lhe apresentaram no balcão. Em casa, guardou-o na gaveta da mesa e esperou.

— Desta vez, sim — disse ele no dia seguinte ao escrevente Amaral, — desta vez cesso de tentar fortuna; se não tirar nada, deixo de jogar na loteria.

Amaral ia aprovar a resolução, mas uma ideia contrária suspendeu a palavra antes que ela lhe caísse da boca, e ele trocou a afirmação por uma consulta. Por que deixar para sempre? Loteria é mulher, pode acabar cedendo um dia.

— Já não estou em idade de esperar — retrucou o escrivão.

— Esperança não tem idade — sentenciou Amaral, recordando uns versos que fizera outrora, e concluiu com este velho adágio: “Quem espera sempre alcança”.

— Pois eu não esperarei e não alcançarei — teimou o escrivão —; este bilhete é o último.

Tendo afirmado a mesma cousa tantas vezes, era provável que ainda agora desmentisse a afirmação, e, malgrado no dia de Natal, voltaria à sorte no dia de Reis. Foi o que Amaral pensou e não insistiu em convencê-lo de um vício que estava no sangue. A verdade, porém, é que Coimbra era sincero. Tinha aquela tentação por última. Não pensou no caso de ser favorecido, como de outras vezes, com alguns cinquenta ou cem mil-réis, quantia mínima para os efeitos

da ambição, mas bastante para convidá-lo a reincidir. Pôs a alma nos dous extremos: nada ou quinhentos contos. Se fosse nada, era o fim. Faria como fez com a irmandade e a religião; deitaria o hábito às urtigas, remia-se de freguês e iria ouvir a missa do Diabo.

Os dias começaram a passar, como eles costumam, com as suas vinte e quatro horas iguais umas às outras, na mesma ordem, com a mesma sucessão de luz e trevas, trabalho e repouso. A alma do escrivão aguardava o dia 24, véspera do Natal, quando devia correr a roda, e continuou os traslados, juntadas e conclusões dos seus autos. Convém dizer, em louvor deste homem, que nenhuma preocupação estranha lhe tirara o gosto à escrivania, por mais que preferisse a riqueza ao trabalho.

Só quando o dia 20 alvoreceu e pôs a menor distância à data fatídica é que a imagem dos quinhentos contos veio interpor-se de vez aos papéis do foro. Mas não foi só a maior proximidade que trouxe este efeito, foram as conversas na rua e no mesmo cartório acerca de sortes grandes, e, mais que conversas, a própria figura de um homem beneficiado com uma delas, cinco anos antes. Coimbra recebera um tal Guimarães, testamenteiro de um importador de sapatos, que ali foi assinar um termo. Enquanto se lavrava o termo, alguém que ia com ele perguntou-lhe se estava “habilitado para a loteria do Natal”.

— Não — disse Guimarães.

— Também nem sempre há de ser feliz.

Coimbra não teve tempo de perguntar nada; o amigo do testamenteiro deu-lhe notícia de que este, em 1893, tirara duzentos contos. Coimbra fitou o testamenteiro cheio de espanto. Era ele, era o próprio, era alguém que, mediante uma pequena quantia e um bilhete numerado, entrara na posse de duzentos contos de réis. Coimbra olhou bem para o homem. Era um homem, um feliz.

— Duzentos contos? — disse ele para ouvir a confirmação do próprio.

— Duzentos contos — repetiu Guimarães. — Não foi por meu esforço nem desejo — explicou —; não costumava comprar, e daquela vez quase quebro a cabeça ao pequeno que me queria vender o bilhete; era um italiano. *Guardate, signore*, implorava ele metendo-me o bilhete à cara. Cansado de ralhar, entrei num corredor e comprei o bilhete. Três dias depois tinha o dinheiro na mão. Duzentos contos.

O escrivão não errou o termo porque nele já os dedos é que eram escrivães; realmente, não pensou em nada mais que decorar esse homem, reproduzi-lo na memória, escrutá-lo, bradar-lhe que também tinha bilhete para os quinhentos contos do dia 24 e exigir-lhe o segredo de os tirar. Guimarães assinou o termo e saiu; Coimbra teve ímpeto de ir atrás dele, apalpá-lo, ver se era mesmo gente, se era carne, se era sangue... Então era verdade? Havia prêmios? Tiravam-se prêmios grandes? E a paz com que aquele sujeito contava o lance da compra! Também ele seria assim, se lhe saíssem os duzentos contos, quanto mais os quinhentos!

Essas frases cortadas que aí ficam dizem vagamente a confusão das ideias do escrivão. Até agora trazia em si a fé, mas já reduzida a costume só, um costume longo e forte, sem assombros nem sobresaltos. Agora via um homem que passara de nada a duzentos contos com um simples gesto de fastio. Que ele nem sequer tinha o gosto e a comichão da loteria; ao contrário, quis quebrar a cabeça da Fortuna; ela, porém, com olhos de namorada, fê-lo trocar a impaciência em condescendência, pagar-lhe cinco ou dez mil-réis, e três dias depois... Coimbra fez todo o mais trabalho do dia automaticamente.

De tarde, caminhando para casa, foi-se-lhe metendo na alma a persuasão dos quinhentos contos. Era mais que os duzentos do

outro, mas também ele merecia mais, teimando como vinha de anos estirados, desertos e brancos, mal borrifados de algumas centenas, raras, de mil-réis. Tinha maior direito que o outro, talvez maior que ninguém. Jantou, foi à casa pegada, onde nada contou pelo receio de não tirar cousa nenhuma e rirem-se dele. Dormiu e sonhou com o bilhete e o prêmio; foi o próprio cambista que lhe deu a nova da felicidade. Não se lembrava bem, de manhã, se o cambista o procurou ou se ele procurou o cambista; lembrava-se bem das notas, eram parece que verdes, grandes e frescas. Ainda apalpou as mãos ao acordar; pura ilusão!

Ilusão embora, deixara-lhe nas palmas a maciez do sonho, o fresco, o verde, o avultado dos contos. Ao passar pelo Banco da República pensou que poderia levar ali o dinheiro, antes de o empregar em casas, títulos e outros bens. Esse dia 21 foi pior, em ânsia, que o dia 20. Coimbra estava tão nervoso que achou o trabalho demasiado, quando de ordinário ficava alegre com a concorrência de papéis. Melhorou um pouco, à tarde; mas, ao sair, entrou a ouvir meninos que vendiam bilhetes de loteria, e esta linguagem, gritada da grande banca pública, novamente lhe fez agitar a alma.

Ao passar pela igreja onde era venerada a imagem de S. Bernardo, cuja irmandade ele fundou, Coimbra deitou olhos saudosos ao passado. Tempos em que ele cria! Outrora faria uma promessa ao santo; agora...

— Infelizmente, não! — suspirou consigo.

Sacudiu a cabeça e guiou para casa. Não jantou sem que a imagem do santo viesse espreitá-lo duas ou três vezes, com o olhar seráfico e o gesto de imortal bem-aventurança. Ao pobre escrivão vinha agora mais esta mágoa, este outro deserto árido e maior. Não cria; faltava-lhe a doce fé religiosa, dizia consigo. Saiu a passeio, à noite, e, para

encurtar caminho, enfiou por um beco. Deixando o beco, pareceu-lhe que alguém chamava por ele, voltou a cabeça e viu a pessoa do santo, agora mais celeste; já não era a imagem de madeira, era a pessoa, como digo, a pessoa viva do grande doutor cristão. A ilusão foi tão completa que lhe pareceu ver o santo estender-lhe as mãos, e nelas as notas do sonho, aquelas notas largas e frescas.

Imagina essa noite de 21 e a manhã de 22. Não chegou ao cartório sem passar pela igreja da irmandade e entrar outra vez nela. A razão que deu a si mesmo foi saber se a gente local trataria a sua instituição com o zelo do princípio. Achou lá o sacristão, um velho zeloso que veio para ele com a alma nos olhos, exclamando:

— Vossa senhoria por aqui!

— Eu mesmo, é verdade. Passei, lembrou-me saber como é aqui tratado o meu hóspede.

— Que hóspede? — perguntou o sacristão sem entender a linguagem figurada.

— O meu velho S. Bernardo.

— Ah! S. Bernardo! Como há de ser tratado um santo milagroso como ele é? Vossa Senhoria veio à festa deste ano?

— Não pude.

— Pois esteve muito bonita. Houve muitas esmolas e grande concorrência. A mesa foi reeleita, sabe?

Coimbra não sabia, mas disse que sim, e sinceramente achou que devia sabê-lo; chamou-se descuidado, relaxado, e voltou para a imagem olhos que supôs contritos e pode ser que o fossem. Ao sacristão pareceram devotos. Também este elevou os seus à imagem e fez a reverência habitual, inclinando meio corpo e dobrando a perna. Coimbra não foi tão extenso, mas imitou o gesto.

— A escola vai bem, sabe? — disse o sacristão.

— A escola? Ah! sim. Ainda existe?

— Se existe? Tem setenta e nove alunos.

Tratava-se de uma escola que ainda em tempo da esposa do escrivão, a irmandade fundara com o nome do santo, a Escola de S. Bernardo. O desapego religioso do escrivão chegara ao ponto de não acompanhar a prosperidade do estabelecimento, quase esquecê-lo de todo. Ouvindo a notícia, ficou pasmado. No tempo dele não houve mais de uma dúzia de alunos, agora eram setenta e nove. Por algumas perguntas sobre a administração, soube que a irmandade pagava a um diretor e três professores. No fim do ano ia haver a distribuição dos prêmios, grande festa a que esperavam trazer o arcebispo.

Quando saiu da igreja, trazia Coimbra não sei que ressurreições vagas e cinzentas. Propriamente não tinham cor, mas esta expressão serve a indicar uma feição nem viva, como dantes, nem totalmente morta. O coração não é só berço e túmulo, é também hospital. Guarda algum doente, que um dia, sem saber como, convalesce do mal, sacode a paralisia e dá um salto em pé. No coração de Coimbra o enfermo não deu salto, entrou a mover os dedos e os lábios, com tais sinais de vida que pareciam chamar o escrivão e dizer-lhe cousas de outro tempo.

— O último! Quinhentos contos! — bradavam os meninos, quando ele ia a entrar no cartório. — Quinhentos contos! O último!

Estas vozes entraram com ele e repetiram-se várias vezes durante o dia, ou da boca de outros vendedores ou dos ouvidos dele mesmo. Quando voltou para casa, passou novamente pela igreja, mas não entrou; um diabo ou o que quer que era desviou o gesto que ele começou a fazer.

Não foi menos inquieto o dia 23. Coimbra lembrou-se de passar pela Escola de S. Bernardo; já não era na casa antiga; estava em outra,

uma boa casa assobradada, de sete janelas, portão de ferro ao lado e jardim. Como é que ele fora um dos primeiros autores de obra tão conspícua? Passou duas vezes por ela, chegou a querer entrar, mas não saberia que dissesse ao diretor e temeu o riso dos meninos. Foi para o cartório e, de caminho, mil recordações lhe restituíam o tempo em que aprendia a ler. Que ele também andou na escola, e evitou muita palmatoada com promessas de orações a santos. Um dia, em casa, ameaçado de apanhar por haver tirado ao pai um doce, aliás indigesto, prometeu uma vela de cera a Nossa Senhora. A mãe pediu por ele, e alcançou perdô-lo; ele pediu à mãe o preço da vela e cumpriu a promessa. Reminiscências velhas e amigas que vinham temperar o árido preparo dos papéis. Ao mesmo S. Bernardo fizera mais de uma promessa, quando era irmão efetivo e mesário, e cumpriu-as todas. Onde iam tais tempos?

Enfim, surdiu a manhã de 24 de dezembro. A roda tinha de correr ao meio-dia. Coimbra acordou mais cedo que de costume, mal começava a clarear. Conquanto trouxesse de cor o número do bilhete, lembrou-se de o escrever na folha da carteira para havê-lo bem fixo, e no caso de tirar a sorte grande... Esta ideia fê-lo estremecer. Uma derradeira esperança (que o homem de fé nunca perde) lhe perguntou sem palavras: que é que lhe impedia tirar os quinhentos contos? Quinhentos contos! Tais cousas viu neste algarismo que fechou os olhos deslumbrados. O ar, como um eco, repetiu: quinhentos contos! E as mãos apalparam a mesma quantia.

De caminho, foi à igreja, que achou aberta e deserta. Não, não estava deserta. Uma preta velha, ajoelhada diante do altar de S. Bernardo, com um rosário na mão, parecia pedir-lhe alguma cousa, se não é que lhe pagava em orações o benefício já recebido. Coimbra viu a postura e o gesto. Advertiu que ele era o autor daquela

consolação da devota, e olhou também para a imagem. Era a mesma do seu tempo. A preta acabou beijando a cruz do rosário, persignou-se, levantou-se e saiu.

Ia a sair também, quando duas figuras lhe passaram pelo cérebro: a sorte grande, naturalmente, e a escola. Atrás delas veio uma sugestão, depois um cálculo. Este cálculo, por mais que digam do escrivão que ele amava o dinheiro (e amava), foi desinteressado; era dar de si muita cousa, contribuir para elevar mais e mais a escola, que era também obra sua. Prometeu dar cem contos de réis para o ensino, para a escola, Escola de S. Bernardo, se tirasse a sorte grande. Não fez a promessa nominalmente, mas por estas palavras sem sobrescrito, e todavia sinceras: “Prometo dar cem contos de réis à Escola de S. Bernardo, se tirar a sorte grande”. Já na rua, considerou bem que não perdia nada se não tirasse a sorte, e ganharia quatrocentos contos, se a tirasse. Picou o passo e ainda uma vez penetrou no cartório, onde buscou enterrar-se no trabalho.

Não se contam as agonias daquele dia 24 de dezembro de 1898. Imagine-as quem já esperou quinhentos contos de réis. Nem por isso deixou de receber e contar as quantias que lhe eram devidas por atos judiciais. Parece que entre onze horas e meio-dia, depois de uma autuação e antes de uma conclusão, repetiu a promessa de cem contos à Escola: “Prometo dar, etc.”. Bateu meio-dia e o coração do Coimbra não bateu menos, com a diferença que as doze pancadas do relógio de S. Francisco de Paula foram o que elas são desde que se inventaram relógios, uma ação certa, pausada e acabada, e as do coração daquele homem foram precipitadas, convulsas, desiguais, sem acabar nunca. Quando ele ouviu a última de S. Francisco, não se pôde ter que não pensasse mais vivo na roda ou o que quer que era que faria sair os números e os prêmios da loteria. Era agora...

Teve ideia de ir dali saber notícias, mas recuou. Mal se concebe tanta impaciência em jogador tão velho. Parece que estava adivinhando o que lhe ia acontecer.

Desconfias o que lhe aconteceu? Às quatro horas e meia, acabado o trabalho, saiu com a alma nas pernas e correu à primeira casa de loterias. Lá estavam, escritos a giz em tábua preta, o número do bilhete dele e os quinhentos contos. A alma, se ele a tinha nas pernas, era de chumbo, porque elas não andaram mais, nem a luz lhe tornou aos olhos senão alguns minutos depois. Restituído a si, consultou a carteira, era o número exato. Ainda assim, podia ter-se enganado, ao copiá-lo. Voou num tálburi a casa; não se enganara, era o número dele.

Tudo se cumpriu com lealdade. Cinco dias depois, a mesa da irmandade recebia os cem contos de réis para a Escola de S. Bernardo e expedia um ofício de agradecimento ao fundador das duas instituições, entregue a este por todos os membros da mesa em comissão.

No fim de abril, casara o escrevente Amaral, servindo-lhe Coimbra de testemunha, e morrendo na volta, como ficou dito atrás. O enterro que a irmandade lhe fez e o túmulo que lhe mandou levantar no cemitério de S. Francisco Xavier corresponderam aos benefícios que lhe devia. A escola tem hoje mais de cem alunos e os cem contos dados pelo escrivão receberam a denominação de patrimônio Coimbra.